

**Verbo *levar* em uso:
descrição e análise dos deslizamentos funcionais**

Verb *levar* in use: description and analysis of the functional changes

Gessilene Silveira Kanthack

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Brasil)

Nahendi Almeida Mota

Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Brasil)

RESUMO

Neste trabalho, descrevemos o comportamento sintático-semântico do verbo *levar*, tendo como *corpus* crônicas publicadas no ano de 2016 no *site* Crônicas do Dia. Analisamos as funções assumidas por esse verbo a partir de um *continuum* de uso que permite compreender seus deslizamentos funcionais. Da análise feita, constatamos: o verbo *levar* integra um *continuum* que se inicia com usos que denotam sua função +concreta, propriedade típica de verbo pleno, e que se amplia com usos diversificados, dentre eles os que indicam funções gramaticalizadas, em que o verbo *levar* exerce o papel de verbo-suporte e de verbo auxiliar.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo *levar*. Usos. Gramaticalização. Funcionalismo.

ABSTRACT

In the present study, we describe the syntactic-semantic behavior of the verb levar, using as corpus chronicles issued in 2016 on the website "Crônicas do Dia". We analyzed the functions taken by this verb from a continuum of use which lets us understand its functional changes. From this analysis, we determined that: the verb levar integrates a continuum beginning with the uses which denote its function +concrete, full verb typical property, and which amplifies itself with diversified uses, including, among them, those indicating

* Sobre as autoras ver páginas 38-39.

grammaticalized functions, in which the verb levar plays the role of verb-support and of auxiliary verb.

KEYWORDS: *Verb levar. Uses. Grammaticalization. Funcionalism.*

1 Introdução

Compreender e explicar as mudanças que ocorrem nas línguas tem sido, ao longo do tempo, um dos desafios de estudiosos da linguagem. Dentre eles, estão os que defendem a mudança linguística como fruto de uma relação de dependência entre o sistema de uma língua e seus usos efetivos. Tendo isso como pressuposto, a partir dos anos de 1970 e 1980, no contexto da Linguística Funcional norte-americana, alguns autores resgatam a teoria denominada de gramaticalização, usada para explicar, grosso modo, a passagem de um item lexical para um item gramatical, conforme postulou inicialmente Meillet (1912), a quem é atribuído o primeiro uso do termo gramaticalização (GONÇALVES et al, 2007). Hooper e Traugott (1993) são dois dos autores que se interessaram em explicar mais sistematicamente a gramaticalização, inclusive, ampliando o seu conceito: um processo através do qual itens ou construções lexicais, em determinados contextos linguísticos, assumem funções gramaticais ou itens já gramaticais assumem funções ainda mais gramaticais.

Assumindo pressupostos como esses, descrevemos o comportamento do verbo *levar* a partir de um *corpus* constituído de crônicas publicadas no *site* Crônica do Dia durante o ano de 2016. A escolha por esse verbo se deu após a leitura panorâmica de algumas crônicas, permitindo visualizar um uso regular não apenas da função plena, preconizada pela tradição normativa – a qual o define como um verbo transitivo direto ou como verbo transitivo direto e indireto, mas também de outras funções que são pouco conhecidas, dentre elas, as que indicam mudança por gramaticalização.

Assim, na análise desenvolvida, procuramos: (i) identificar as funções assumidas pelo verbo *levar* a partir de um *continuum* que permita visualizar o deslizamento funcional empreendido da categoria plena até a categoria mais gramaticalizada; (ii) observar as regularidades características de cada função presente no *continuum*, apontando as mudanças de cunho sintático-semântico ocorridas nas funções em processo de mudança; (iii) quantificar as ocorrências de cada uma das funções, com o objetivo de apreender as suas frequências de uso; e (iv) reconhecer, a partir dos princípios de Hopper (1991), o que ocorre com cada função exercida pelo verbo.

O artigo está estruturado assim: no primeiro momento, apresentamos fundamentos teóricos que caracterizam o Funcionalismo Linguístico, em particular, a concepção de linguagem e como a mudança linguística é entendida nesse paradigma; no segundo, damos destaque à gramaticalização, conceituando-a e explicando-a por meio dos princípios de Hopper (1991); no terceiro, descrevemos os resultados tanto qualitativos quanto quantitativos, delineando o *continuum* que envolve o verbo *levar*. Por fim, as considerações finais e as referências encerram o artigo.

2 Funcionalismo Linguístico: linguagem em uso e mudança

O Funcionalismo Linguístico é uma corrente teórica que concebe a linguagem como instrumento de interação social e defende que o sistema de uma língua é heterogêneo, dinâmico, fluido. Nessa perspectiva, as formas linguísticas são flexíveis e permeáveis às pressões do uso, sendo o contexto comunicativo a motivação para explicar os fatos da língua. A estrutura é vista como “uma variável dependente, pois os usos da língua, ao longo do tempo, é que dão forma ao sistema” (CUNHA, 2015, p. 21).

Segundo Dik (1997, p. 6), “a linguagem não funciona isoladamente: é parte integrante de uma realidade humana (psicológica e social) viva”. Logo, as línguas naturais são instrumentos de interação social que não existem em si e por si mesmas com uma estrutura arbitrária, mas que existem para serem usadas com certos propósitos que envolvem a interação entre seres humanos. Conceituada como a interação social por meio da linguagem, a interação verbal é definida como uma forma de atividade cooperativa estruturada. E, “dentro da interação verbal, os participantes usam instrumentos que, no sentido geral do termo, chamaremos *expressões linguísticas*” (DIK, 1997, p. 3, grifos do autor).

A propósito, as expressões linguísticas não são construídas nem usadas aleatoriamente, pois a língua está amparada em regras que são respeitadas durante a formação das mesmas. Essas regras são de dois tipos, conforme Dik (1997): (i) regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas, pois são as regras que regem a constituição das expressões linguísticas; e (ii) regras pragmáticas, aquelas que regem os padrões de interação verbal em que as expressões linguísticas são usadas.

Aplicadas essas regras, as expressões linguísticas passam a ser usadas e interpretadas, tanto por falante quanto destinatário, de maneiras diversas a depender do contexto de uso. As expressões linguísticas, nesse modelo, funcionam como instrumentos mediadores da relação entre a intenção do falante e a interpretação que o destinatário faz. Ou seja, elas só têm sua função dentro da interação verbal. Logo, a língua passa a ser compreendida como um sistema funcional, e a gramática, conjunto de regularidades, é constituída no contexto de interação discursiva, por isso, ela nunca está pronta, está sempre em movimento, já que as expressões e as funções são adaptadas pelos falantes para atender às necessidades comunicativas.

É por meio desse tipo de pressuposto que a mudança linguística tem sido explicada, por exemplo, por autores que adotam a chamada Linguística Funcional Centrada no Uso. Explicar a mudança, nessa perspectiva, significa considerar a relação entre as estruturas das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, dado o pressuposto assumido de que a língua se materializa na interação. No dizer de Martelotta (2011, p. 27), por ser a língua dinâmica e funcional, a mudança linguística deve ser compreendida como “um fenômeno essencialmente funcional, no sentido de que está relacionada às estratégias comunicativas que os usuários utilizam nos diferentes eventos de uso”.

As mudanças linguísticas, segundo essa perspectiva, são motivadas por processos cognitivos e comunicativos, “associados a mecanismos de inter/subjetificação e inferência sugerida, fenômenos que refletem questões de

caráter interativo e cultural” (MARTELOTTA, 2011, p. 79), afinal, leva-se em consideração a natureza criativa e fluida da língua e a interferência do uso que os falantes fazem dela.

A propósito dos processos cognitivos, resultantes do processamento cerebral das representações linguísticas, destacam-se, dentre eles, os metafóricos, compreendidos como

um mecanismo de transferência entre domínios de conhecimento, que tende a caminhar no sentido concreto > abstrato. *O princípio é relativamente simples: utilizamos conceitos mais concretos e mais fáceis de serem conceptualizados e transmitidos comunicativamente para a expressão de valores mais abstratos e, portanto, mais fáceis de serem conceptualizados.* A metáfora constitui, portanto, uma estratégia cognitiva que permite que nosso pensamento caminhe por conceitos abstratos (MARTELOTTA, 2011, p. 81, grifo nosso).

Metáfora, nessa perspectiva, é uma estratégia cognitiva que colabora com a formação de novas construções, um mecanismo que permite ao usuário da língua, grosso modo, recorrer a velhas formas e atribuir-lhes novas funções. No processo comunicativo, ele aciona as formas/estruturas de natureza mais concreta (de sentido representacional) e passa a usá-las com funções mais abstratas (de nível interpessoal).

Os elementos de sentido representacional são, conforme Martelotta (2011, p. 92), “itens ou expressões que fazem referência a dados do universo biossocial, designando, em termos muito gerais, objetos, entidades, sentimentos, ações e qualidades”, ou seja, são aqueles que costumam fazer parte do grupo de elementos lexicais, como substantivos, verbos e adjetivos. Já os elementos do nível interpessoal “não têm exatamente aquela atribuição de caráter referencial, apresentando funções tradicionalmente definidas como gramaticais, funcionais ou interacionais, já que refletem o processo de criação do texto em diferentes situações de comunicação” (MARTELOTTA, 2011, p. 93). Enquadram-se, nesse grupo, os elementos que colaboram com a organização das informações, por exemplo, conjunções, auxiliares, clíticos, afixos, modalizadores, marcadores discursivos etc.

Conforme Gonçalves et al. (2007, p. 17), essa distinção, entre itens lexicais e gramaticais, “serve simplesmente para diferenciar o conjunto de propriedades que identifica uma e outra categoria”, e, no caso da gramaticalização, ela é pertinente porque possibilita entender que, num *continuum*, certas palavras estão mais próximas do léxico e outras, não. *Continuum*, aqui, corresponde a uma linha imaginária que pode ter implicações tanto históricas quanto sincrônicas. Do ponto de vista diacrônico, é um caminho natural sob o qual as formas evoluem; do ponto de vista sincrônico, a linha pode ser usada para explicar que, numa extremidade, alocam-se as formas lexicais, na outra, alocam-se as formas gramaticais. Esse tipo de *continuum* nos permite compreender e explicar, portanto, os usos e as mudanças empreendidas pelo verbo *levar*.

3 Gramaticalização: “processo de criatividade linguística”

O primeiro conceito atribuído à gramaticalização foi apresentado por Meillet (1912), quando procurou explicar a evolução das formas gramaticais. Para ele, trata-se de um processo compreendido como “a atribuição de caráter gramatical a um elemento anteriormente autônomo” (MEILLET, 1912, p. 131), isto é, itens de valor concreto passam a assumir valores abstratos, a exemplo de verbos, adjetivos e substantivos que podem sofrer alterações, em um determinado contexto linguístico, e integrar, por isso, classes mais gramaticais, como as de preposições, de advérbios etc.

Baseando-se no conceito inicial e expandindo-o, Hopper e Traugott (1993, p. 1) concebem a gramaticalização como um fenômeno de mudança linguística “compreendido como um processo através do qual, itens ou construções lexicais, em determinados contextos linguísticos, assumem funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”.

Para explicar a progressão em que se encontram os itens que passam por mudanças, Hopper (1991) propõe princípios que permitem compreender o estatuto gramatical de uma determinada forma que está em processo de mudança. São eles: Estratificação Divergência, Especialização, Persistência e Decategorização.

A Estratificação dá conta do momento em que, num domínio funcional amplo, “novas camadas estão surgindo continuamente. Quando isso acontece, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer para coexistir e interagir com as camadas mais recentes” (HOPPER, 1991, p. 22). Isso quer dizer que, numa escala contínua, sem limites definidos, itens em processo de mudança se rearranjam, se ajustam quanto às novas funções, passando a conviver e a se relacionar de forma gradiente com as funções já existentes. Afinal, uma nova função “não substitui imediatamente (e talvez nunca) um conjunto já existente de formas funcionalmente equivalentes, mas sim os dois conjuntos de formas coexistem” (HOPPER, 1991, p. 23).

A Divergência explica que, mesmo que “uma forma lexical sofra gramaticalização para clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças como itens lexicais comuns” (HOPPER, 1991, p. 22). Esse princípio correlaciona-se com o primeiro, pois ambos tratam da coexistência entre a forma-fonte e a forma gramaticalizada, entendendo que um item pode manter características da forma lexical, preservando-se enquanto elemento autônomo, e sofrer mudanças como quaisquer outros elementos lexicais. Como o próprio nome diz, trata-se da possibilidade de uma mesma forma atender a funções divergentes a depender do contexto.

A Especialização, por sua vez, compreende o estágio em que uma variedade de formas apresenta nuances semânticas diferentes, “mas que, à medida que a gramaticalização ocorre, essa variedade de escolhas formais diminui e um menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais” (HOPPER, 1991, p. 22). Ou seja, à medida que uma forma se especializa, ela passa a ocorrer com maior frequência em um determinado contexto linguístico, pois há uma diminuição nas escolhas formais disponíveis, visto que os significados assumem maior generalidade gramatical.

A Persistência, como o próprio nome diz, indica que alguns traços da forma-fonte persistem na forma gramaticalizada, e que “detalhes de sua história lexical podem ser refletidos em restrições à sua distribuição gramatical” (HOPPER, 1991, p. 22). Em outras palavras, a manutenção de traços pode ocorrer, mas, como o item está em mudança, pode haver restrições sintáticas, isto é, o item em gramaticalização pode continuar ocorrendo apenas em construções sintáticas em que já ocorria antes, mesmo que assumindo uma nova função.

Complementando, é a persistência “de formas e significados mais antigos, ao lado de formas e significados mais recentes, seja derivado de divergências da mesma fonte ou por renovação de diferentes fontes” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 124), que leva ao efeito denominado *Estratificação*. Com relação à diferença entre formas e significados antigos e os mais recentes, esses mesmos autores ainda explanam que

durante qualquer fase de coexistência há alguns contextos em que os dois (ou mais) tipos em questão envolvem uma clara diferença pragmática. Há outros contextos em que a escolha entre eles é menos clara em relação à diferença pragmática. Frequentemente achamos que uma das formas concorrentes predomina (especialização) e, eventualmente, amplia sua gama de significados para incluir os da construção que ele substitui (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 126).

A escolha entre as formas se dará em função do contexto de uso, isto é, o falante escolherá aquela forma ou função que for mais adequada à situação comunicativa.

O último princípio, a Decategorização, explica o momento em que “formas sofrendo gramaticalização tendem a perder ou neutralizar os [seus] marcadores morfológicos e os [seus] privilégios sintáticos” (HOPPER, 1991, p. 22) e a assumir características de outras categorias, ou seja, quando podem efetivamente mudar de classe gramatical.

Vale ressaltar que nem todos os itens que sofrem gramaticalização passam ou passarão por todos esses estágios, que, segundo Hopper (1991), não são de domínio exclusivo da gramaticalização, mas são também de outras mudanças linguísticas, que, de modo geral, não ocorrem de forma abrupta, ou seja, de uma hora para outra.

A gramaticalização, portanto, tem elevada importância no processo de renovação das línguas, afinal, sendo a gramática um organismo maleável, é natural que as formas se ajustem a novas funções e, conseqüentemente, novos sentidos possam ser implementados, dadas as necessidades cognitivas e comunicativas dos falantes. É isso que está ocorrendo com o verbo *levar*, como veremos na próxima seção.

4 Deslizes funcionais do verbo *levar*: uma análise qualitativa

Castilho (2014, p. 397), ao tratar da gramaticalização de verbos, afirma que “o fenômeno mais interessante [...] é sua migração de verbo pleno para verbo funcional e deste para verbo auxiliar”. Levando esse pressuposto em

consideração, bem como descrições presentes nos dicionários digitais, e seguindo o *cline* sustentado por Hopper e Traugott (1993) – no qual os itens apresentados à esquerda são mais lexicais e menos gramaticalizados do que os itens à direita, descrevemos as funções do verbo *levar* assim: *verbo pleno*, *verbo não pleno* (e suas subcategorias), *verbo-suporte* (e suas subcategorias) e *verbo auxiliar*.

A primeira categoria do *continuum* de gramaticalização é a de *verbo pleno*, definido como “os que funcionam como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papéis temáticos” (CASTILHO, 2014, p. 397). O verbo *levar*, em sua função plena, indica a noção de “conduzir (algo, alguém) a determinado lugar; transportar”, segundo o *Michaelis*, ou “fazer passar (de um lugar) para (outro); transportar”, conforme o *Aulete*. Nessa função, ele pode selecionar ora apenas o objeto direto ora o direto e o indireto, e ambos podem aparecer de diversas maneiras nas sentenças. Vejamos essa primeira função em (1):

- (1)
- a) “Duas meninas pequenas foram brincar no balanço e acharam o livro. [**Levaram** θ *para os pais*], que leram o texto, riram da ideia e guardaram o livro” (CB-26 jan).
 - b) “[...] ninguém viu [*seu corpo* ser **levado** *ao laboratório*], nem assistiu à inesquecível aula de dissecação aplicada ao dito cujo; [...]” (ZC-08 abr).

Nesses exemplos, o verbo *levar* manifesta suas características sintático-semânticas plenas: (i) é o núcleo da sentença; (ii) é transitivo direto; (iii) exprime a noção de movimento, podendo ser substituído pelos verbos “conduzir” ou “carregar”; e (iv) os sintagmas (objetos) selecionados por ele são de natureza +concreta. Essa categoria de *verbo pleno*, dentro do *cline* de Hopper e Traugott (1993), caracteriza-se como um *item lexical de conteúdo*.

As categorias de *verbo não pleno* e a de *verbo-suporte*, diferentemente da função de *verbo pleno*, encaixam-se no que Castilho (2014, p. 397) chama de verbos funcionais, pois são os que “transferem esse papel [temático] aos constituintes à sua direita [...], reduzindo-se a portadores de marcas morfológicas e especializando-se na constituição de sentenças apresentacionais, atributivas e equativas”.

A função de *verbo não pleno* é sintaticamente similar à função de valor pleno, todavia, semanticamente, há divergências, visto que (i) ocorre extensão semântica; (ii) a noção de movimento é +metafórica; e (iii) o sujeito e/ou os objetos diretos e/ou indiretos assumem um caráter +abstrato. Essa é a primeira categoria do *continuum* em que o processo de gramaticalização manifesta e, devido às suas particularidades, dividimos em duas subcategorias: *verbo não pleno 1, com extensão metafórica determinada pelo objeto* (exemplos em 2) e *verbo não pleno 2, com extensão metafórica determinada pelo sujeito (abstrato)* (exemplos em 3):

- (2)
- a) “Pedro nem de longe lembra o menino arteiro e festivo de minutos antes. Cansou de [**levar** *o peso das coisas*]. Uma criança de dois anos não deveria ter fardo nenhum para transportar” (WF-03 jan).

- b) “Por conta disso, [*a alcunha de ‘capital brasileira dos caixões’ é levada com orgulho pela maioria dos moradores*] que dependem da indústria” (SG-16 jan).
- c) “Seu pai, se fosse vivo, diria que ele pegou *a sua capacidade de ser falastrão* na sala de estar de casa e [*levou para os palcos do mundo*]” (CD-11 mai).
- d) “Uma suposta amiga me disse que eu tinha problema em gostar tanto de ler romances, que era melhor [*levar esse assunto pra terapia*]” (MS-07 jul).

Nesses exemplos, representantes da subcategoria de *verbo não pleno 1*, o verbo *levar* denota: “guardar na mente; conservar, reter”, em (2a) e (2b), e “trazer consigo; carregar”, em (2c) e (2d). Em todos eles, o movimento expresso pelo verbo *levar* é metafórico, em função da natureza dos sintagmas objetos diretos e indiretos que são +abstratos.

- (3)
- a) “[*O frenesi* dessas pessoas me **leva**] ao apaziguamento que eu encontrava naquele momento com minha avó” (CD-24 fev).
- b) “Ao descerem, juntas, [*a longa escadaria* que **levava**] ao salão, D. Volga pisou no vestido longo da desafortunada esposa de seu amante e, [...]” (ZC-26 fev).
- c) “[...] Mas [*cada etapa* sempre os **leva** para o mesmo lugar]”. (CD-20 jan).
- d) “Depois da morte de Sr. Ziló, Despenteado ficou louco, queria colocar o casarão abaixo, estava certo de que [*aquele lugar levava*] embora a vida de seu avô” (CD-29 jun).

O verbo *levar* no exemplo (3a) tem valor semântico de “impelir, conduzir (a algo); mover a”; já em (3b), (3c) e (3d) ele nos remete ao sentido de “dar acesso, conduzir (a algum lugar)”, valores determinados pelo sintagma sujeito. Conforme o dicionário *Aulete*, temos, aqui, exemplos de valor figurado. Como já dito, a propriedade que difere a categoria de *verbo não pleno 2* das demais é a natureza do sujeito, que é de caráter +abstrato, +inanimado. Em (3a) e (3c), por exemplo, os sujeitos são “o *frenesi*” e “*cada etapa*”, respectivamente, ambos +abstratos: o primeiro representando o alvoroço de um determinado número de pessoas; e o segundo, o processo ou caminho percorrido para chegar a um determinado lugar. Já o exemplo (3b) tem um sujeito que nos dá ideia de direção, movimento: “a longa *escadaria*” indica o caminho pelo qual é possível chegar ao salão; em (3d), entretanto, o sujeito é representado por “aquele *lugar*”, que nos remete a um ambiente que interferiu na ação mencionada (levar a vida do avô de Despenteado).

A categoria seguinte, última entre as de verbos funcionais, é a de *verbo-suporte*. Ele é caracterizado, comumente, da seguinte forma: (i) também é chamado de verbo leve; (ii) é semanticamente vazio, operando no sintagma nominal (SN) posposto a ele; (iii) transfere a função de núcleo semântico da construção para o SN; (iv) junto com o SN eles formam um “significado global” (NEVES, 2000. p. 25); e (v), mesmo não tendo a mesma expressividade, costuma haver verbos plenos substitutos de tais construções.

Todavia, devido à manifestação, em nosso *corpus*, de usos que transcendem o perfil habitual de verbo-suporte, decidimos dividi-lo em duas subcategorias, assim como fizemos com a categoria de *verbo não pleno*. Propomos então: *verbo-suporte acompanhado de sintagma nominal* e *verbo-suporte em significado global com outro verbo*. Para simplificar, chamaremos o primeiro de *verbo-suporte 1* e o segundo, de *verbo-suporte 2*. Este último difere daquele em sua estrutura composicional: ao invés de formar um significado global com um SN, ele forma unidade com outro verbo. Vejamos os exemplos em (4), que ilustram a primeira subcategoria do verbo-suporte:

- (4)
- a) “Textos maiores **[levavam mais tempo]**, mas eram escritos também sem esforço” (ELJr-10 jan).
 - b) “Assumira que cabia à secretária cair de paixões pelo chefe casado, e, ao chefe, **[levar alguns anos]** para ajeitar as circunstâncias, [...]” (ZC-29 jan).

Aqui, o verbo, juntamente com os elementos sintáticos que o acompanham (*tempo* e *anos*, respectivamente), denotando *significados globais*, remete à noção de tempo, tanto que pode ser substituído por verbos plenos como “demorar” e “durar”, por exemplo. No *Aulete*, esse uso tem a seguinte descrição: “despender (dado tempo) em certa ação, tarefa, atividade”; e, no *Michaelis*, “demorar certo período de tempo; fazer uso de; consumir (tratando-se de tempo)”.

Em (5), apresentamos mais alguns exemplos que ilustram o comportamento particular do *verbo-suporte 1*:

- (5)
- a) “Fazer o trabalho bem feito é pré-requisito pra dormir bem, pra contar piada na mesa de amigos e **[levar a vida mais leve]**” (MS-17 mar).
 - b) “E realmente foi verdade. Se bem que dona Zezé me disse que **[levou um baita susto]** quando viu a pequena”. (SG-26 mar).
 - c) “E, por ser assim, de uma simplicidade tosca, muitos acabam por não **[levá-la a sério]**” (SG-19 nov).

O uso de *levar* em (5a) é descrito pelo verbo *Aulete* como “ter, experimentar”, enquanto que pelo *Michaelis* é “passar a vida; viver”; em (5b), o *Aulete* o descreve, já acompanhado pelo sintagma nominal “susto”, como “tomar (susto) com algo ou alguém inesperado”; e a construção de (5c) é explicada pelo *Aulete* como “ter certa compreensão, entendimento ou comportamento em relação a (certo fato, acontecimento, atividade, ação etc.)”, e pelo *Michaelis* como “encarar algo de um determinado modo”.

Assim como em (4), o verbo em (5) também pode ser substituído por um verbo pleno: “levar a vida mais leve” por “viver”, em (5a); “levar um baita susto” por “assustar-se”, em (5b); e “levá-la a sério” por “respeitá-la”, em (5c). Todavia, defendemos que tais substituições interferem na expressividade do enunciado, visto que as construções como foram usadas, tanto em (4) quanto

em (5), demonstram ter um efeito mais singular, portanto, mais pragmático do que se fossem estruturas com os verbos equivalentes.

Continuando a exemplificar o uso do *verbo-suporte 1*, apresentamos (6):

(6)

a) “Mas como alguém que já morou fora, se lascou, amou, foi feliz, terminou com aquele namorado, [**levou um pé na bunda**] daquele outro, luta contra a ansiedade, [...]”(AF-07 abr).

b) “Só que tem o espírito rebelde, de rebeldia melindrosa e bem relacionada, daquela leva de espíritos que não [**levam desaforo pra casa**]” (CD-21 set).

Diferentemente dos casos ilustrados em (4) e (5), nas construções de (6) o verbo seleciona elementos mais fixos. Em (6a), por exemplo, temos a estrutura “levar um pé na bunda”, da qual nenhum dos elementos pode ser retirado; o mesmo acontece em (6b), pois, mesmo sendo sintaticamente similar à estrutura em que ocorre o verbo com sua função plena (núcleo da sentença, com seleção de objetos direto e indireto), seu sentido é compreendido globalmente, junto com os outros elementos com os quais formam unidade sintática.

A propósito do verbo suporte, ratificamos o que foi defendido por Castilho, (2014, p. 410): esse tipo de verbo apresenta “uma forte solidariedade sintática com o substantivo que se segue”; além disso, “o sentido do sintagma verbal complexo deriva do conjunto formado pelo verbo-suporte + substantivo”. Acreditamos, assim como Castilho (2014, p. 410), que o “o verbo-suporte supre certas faltas no léxico da língua”, ou seja, os falantes criam novas construções devido à ausência de itens lexicais que atendam às suas necessidades comunicativas.

Para concluir a análise do verbo *levar* em sua função de verbo-suporte, agora em sua segunda subcategoria, *verbo-suporte 2*, selecionamos três sentenças nas quais o seu uso foge da regra em que ele ocorre acompanhado de um sintagma nominal. Aqui, como já mencionado, o significado global é formado pelo verbo “deixar” + pronome oblíquo átono + verbo “levar”, como ilustram os exemplos em (7):

(7)

a) “Uma ou outra pessoa, em raro momento, percebia o som da música e [deixava-se **levar**] pelos acordes perfeitos” (ZC-12 ago).

b) “Só Deus sabe o que eu sentia, uma mistura de humilhação, vergonha e tristeza. [Deixei-me **levar**] pela paixão como uma neófito qualquer” (ZC-09 set).

O *Michaelis* e o *Aulete* foram novamente consultados, dessa vez para verificação do significado atribuído à construção “deixar-se levar”. Basicamente, ambos apresentam a mesma descrição: o primeiro a descreve como “permitir-se influenciar” e “ser derrotado por, deixar-se vencer”, enquanto o segundo a define como “deixar-se enganar, iludir; deixar-se

convencer ou influenciar” e “deixar-se vencer, desistindo de combater, ou de controlar as próprias ações”.

Nos dois dicionários, a construção estudada está em um espaço dedicado a expressões, no qual os usos que fogem à regra costumam ser detalhados. Com essas descrições, é possível notar que: (i) não há um verbo pleno que corresponda à construção, mantendo seu significado total; (ii) o significado de tal construção é bastante peculiar, visto que sua substituição interfere na expressividade da sentença.

Dessa forma, mesmo que o *verbo-suporte 2* não atenda a todas as particularidades da categoria, é possível classificá-lo como um verbo-suporte, pois ele é vazio semanticamente, podendo seu significado ser compreendido somente através de toda a construção; afinal, assim como ocorre com o *verbo-suporte 1*, esse significado não é apreendido se os elementos forem analisados separadamente, devido à ausência de composicionalidade (MARTELOTTA, 2011).

A última categoria do *continuum* de gramaticalização é a de *verbos auxiliares*, definidos por Castilho (2014, p. 397, grifo nosso) como aqueles que

desempenham papel assemelhado ao dos verbos funcionais, *com a diferença que à sua direita ocorrem verbos plenos em forma nominal, aos que os auxiliares atribuem categorias de pessoa e número*, especializando-se como indicadores de aspecto, tempo, voz e modo.

Heine (1993) também atribui a essa categoria algumas características, das quais destacamos: (i) tendem a expressar domínios nocionais como Tempo, Aspecto e Modalidade, Negação e Voz; (ii) não são unidades nem visivelmente lexicais nem visivelmente gramaticais; (iii) também ocorrem como verbo principal; (iv) não podem ser o principal núcleo (semântico) do predicado; (v) carregam toda a informação morfológica relacionada ao predicado; e (vi) a concordância do sujeito é marcada no auxiliar, não no verbo principal.

Baseando-nos em algumas das formulações de Heine (1993) e de Pontes (1973), elaboramos, para o verbo em questão, as seguintes proposições: (i) sua posição na sentença é fixa: ele sempre precede o verbo principal no infinitivo e, entre eles, está a preposição *a*; (ii) ele sempre está acompanhado do verbo em sua forma infinitiva, isto é, invariável; (iii) a construção verbo *levar* + preposição + verbo no infinitivo forma uma unidade; e (iv) ele pode preceder qualquer verbo.

Para exemplificar a função de auxiliar, atribuindo ao núcleo verbal da sentença a noção de causalidade, apresentamos os exemplos em (8):

(8)

- a) “É claro que seu silêncio o [**levou a perder**] tudo o que tinha naquela época: amante, amigos, companheiros de jornada, colegas de trabalho” (CD-09nov)
- b) “Durante o filme, os romances e desapontamentos de ambos os afastam, colocando a intocável amizade em apuros, e [**levando-os a cultivar certos segredos**]” (CD-20jan).

c) “Não são questões sociais que o [levam a pensar] que, por mais interessante que ela seja, é um risco muito grande se relacionar com ela”. (CD-16mar)

Num teste que aplicamos, substituímos o verbo *levar* em sua função auxiliar pelos verbos “causar” e “gerar” e o verbo principal posposto a ele por um substantivo. Esse teste nos ajudou a verificar que o teor semântico da sentença se manteve, como indicam os exemplos em (8), reescritos:

(8a*) “É claro que seu silêncio **causou/gerou a perda de** tudo o que tinha naquela época: amante, amigos, companheiros de jornada, colegas de trabalho”.

(8b*) “Durante o filme, os romances e desapontamentos de ambos os afastam, colocando a intocável amizade em apuros, e **causando/gerando o cultivo de** certos segredos”.

(8c*) “Não são questões sociais que **causam/geram o pensamento de** que, por mais interessante que ela seja, é um risco muito grande se relacionar com ela”.

Esse teste, portanto, indica que o verbo *levar*, enquanto auxiliar, é usado para denotar a noção de causalidade. Da descrição feita, concluímos que o verbo *levar* atende a todos os critérios propostos por Heine (1993), bem como a maioria dos apontados por Pontes (1973). No dicionário *Michaelis*, a descrição dessa função é a seguinte: “impelir (alguém) ou ser impelido a alguma ação; induzir(-se)”.

Apresentadas as funções exercidas pelo verbo *levar*, indicamos o seu *continuum* assim:

Verbo pleno > verbo não pleno (tipos 1 e 2) > verbo-suporte (tipos 1 e 2) > verbo auxiliar

Como se pode notar, num extremo, temos a função plena; no outro, a função +gramaticalizada (com função de verbo auxiliar); e, no meio do percurso, as funções que indicam a trajetória da mudança. Como veremos na próxima seção, essas funções apresentam frequências de usos diferenciadas.

5 Frequência de uso: uma análise quantiquantitativa

A frequência de uso é um dos mecanismos usados para testar a gramaticalização, isto é, para indicar se um item, em processo de mudança, ocorre mais em função plena ou em suas funções em processo de gramaticalização. Por meio da Tabela 1, demonstramos, assim, a frequência de usos de cada uma das funções analisadas:

Tabela 1. Frequência de usos do *continuum* de gramaticalização.

	Verbo pleno	Verbo não pleno		Verbo-suporte		Verbo auxiliar	Total
		Tipo 1	Tipo 2	Tipo 1	Tipo 2		
Nº de ocorrências	33	9	12	28	3	4	89
Porcentagem (%)	37	10,1	13,48	31,46	3,37	4,49	100%

Fonte: Próprias autoras.

Como se pode perceber, de um total de 89 ocorrências¹ com o verbo *levar*, 37% são de *verbo pleno*, um número que indica que a função plena do verbo ainda é bastante recorrente nos usos efetivos da língua, enquanto que uma das funções mais gramaticalizadas, a de *verbo-suporte em significado global com outro verbo* (a tipo 2), tem o menor número de ocorrências, totalizando 3,37%. Um dado pertinente, também, é o percentual de ocorrências da função de *verbo-suporte 1*, a de *verbo-suporte acompanhado de sintagma nominal*, 31,46%.

De todo modo, mesmo que o número de ocorrências do verbo *levar* em sua função plena seja acentuado, ao considerarmos uma nova distribuição, como a que demonstramos na tabela 2, percebemos uma frequência de uso que merece ser ponderada:

Tabela 2. Funções: plena e em processo de gramaticalização.

	Função plena	Funções em processo de gramaticalização	Total
Nº de ocorrências	33	57	89
Porcentagem (%)	37	63	100%

Fonte: Próprias autoras.

Como se pode notar, nessa nova distribuição, a frequência de uso do verbo em funções não plena é muito mais recorrente, o que nos permite afirmar que esses usos evidenciam uma direção no processo de mudança por qual passa esse verbo. No entanto, temos que reconhecer que os novos usos não implicam em desaparecimento da função plena, pois, para que uma nova função surja, não é necessário/obrigatório que a função antiga entre em desuso.

¹Vale dizer que, na investigação, foram analisadas 264 (duzentas e sessenta e quatro) crônicas, publicadas no *site Crônica do Dia* no ano de 2016. Todavia, somente em 73 (setenta e três) crônicas registramos ocorrências do verbo *levar*. Em algumas, ele foi usado mais de uma vez, totalizando, assim, 89 (oitenta e nove) ocorrências.

6 Reconhecendo os princípios de Hopper nos usos do verbo *levar*

Como já esclarecemos, Hopper (1991) propõe os seguintes princípios para explicar os usos dos itens linguísticos: *Estratificação*, *Divergência*, *Especialização*, *Persistência* e *Decategorização*. Procuramos, então, reconhecê-los nos contextos de usos do verbo *levar* e, para isso, selecionamos para análise quatro exemplares, um de cada categoria do *continuum*: *verbo pleno*, *verbo não pleno*, *verbo-suporte* e *verbo auxiliar*, como ilustram respectivamente os exemplos em (10):

(10)

- a) “Gosto de [levar *uns lambaris* ainda vivos *para o barranco*], o que tem agrado tanto pescadores quando pescados” (WF-17 jan).
- b) “Daquilo que não sei sobre você, o que me agoniaria? E [*me levaria a uma jornada*] que revelasse, não docilmente, aquilo que o inspira a desafiar a morte, agarrando-se à vida” (CD-10 ago).
- c) “E realmente foi verdade. Se bem que dona Zezé me disse que [levou *um baita susto*] quando viu a pequena” (SG-26 mar).
- d) “É claro que seu silêncio o [levou *a perder*] tudo o que tinha naquela época: amante, amigos, companheiros de jornada, colegas de trabalho” (CD-09 nov).

A *Estratificação* indica que, num mesmo domínio funcional, uma mesma forma, *levar*, pode assumir variadas funções (*verbo pleno*, *verbo não pleno*, *verbo-suporte* e *verbo auxiliar*), indicando que a função mais antiga, no caso a plena, passa a coexistir e a relacionar-se com as novas. Assim como o primeiro princípio, que indica o uso de funções diversificadas para um mesmo item, a *Divergência* possibilita apontar os diferentes graus de gramaticalização do verbo *levar*, que, como vimos, ao assumir funções variadas no *continuum*, tem as divergências sintáticas e semânticas evidenciadas. Mesmo assim, a função original coexiste com a função gramaticalizada, mantendo suas propriedades originais, preservando-se como um item autônomo.

O terceiro princípio, a *Especialização*, indica o caráter especial que determinada função passa a ter no domínio funcional. Por exemplo, nas funções de *verbo-suporte* e de *verbo auxiliar*, o verbo e os elementos que formam unidade com ele constituem uma estrutura menos maleável do que, por exemplo, quando ele exerce a sua função plena. Ou seja, “levar um susto” e “levar a perder” são estruturas que só têm sentido se compreendidas nessa unidade e não em outra. Já um verbo pleno pode ser usado com diversos outros elementos, pois tem um comportamento mais maleável.

A *Persistência* indica a manutenção de aspectos sintático-semânticos prototípicos mesmo em usos mais gramaticalizados do verbo, como notamos na função de *verbo-suporte*. Isso porque posposto a ele ainda está um sintagma nominal, mesmo que de caráter +abstrato, como em (10c), com o SN “um baita susto”. Quanto à *Decategorização*, ele explica as consequentes perdas do item que se gramaticaliza, ou seja, quando ele assume a função mais gramaticalizada, passando a ocupar o último ponto do *continuum*, ele perde seus traços originais, assumindo, assim, traços gramaticais.

Esses princípios, portanto, confirmam a trajetória por qual passa o verbo *levar*: ele é usado não apenas com a função de *verbo pleno*, mas também

com outras funções, como indicam os princípios da *Estratificação* e da *Divergência*. Todavia, suas características sintático-semânticas são alteradas gradualmente, conforme revela o princípio da *Especialização* e, mesmo assim, não são modificadas por completo, como indica o princípio da *Persistência*. Já, na função de *verbo auxiliar*, temos uma mudança categorial, conforme o princípio da *Decategorização*.

7 Considerações finais

Neste artigo, discutimos o comportamento multifuncional do verbo *levar*, tendo como *corpus* crônicas publicadas no site Crônicas do Dia, no ano de 2016. Tentamos mostrar que o verbo *levar*, além de assumir sua função de verbo pleno, manifesta outros comportamentos, a saber: (i) de verbo funcional: a. como *verbo não pleno*, quando sofre suas primeiras alterações semânticas, como a noção de movimento que passa a ser +metafórica e o sujeito e/ou os objetos diretos e/ou indiretos que assumem um caráter +abstrato; e b. como *verbo-suporte*, quando passa a ser semanticamente vazio, operando junto a um sintagma nominal ou a um outro verbo, formando, assim, um significado global; e (ii) de verbo auxiliar: quando vem anteposto a um verbo no infinitivo, atribuindo-lhe domínios nocionais de tempo, aspecto etc., não sendo, portanto, o verbo principal da sentença. Nesse caso, o verbo *levar* assume a noção de causalidade.

Dado o que foi analisado, podemos afirmar que os pressupostos funcionalistas adotados nos permitiram compreender e explicar os usos diferenciados do verbo *levar*, bem como entender a dinâmica funcional que caracteriza esses usos. Assim, destacamos: (i) na sua função plena, verbo e elementos sintáticos que o acompanham são de natureza +concreta; (ii) a depender do contexto linguístico, os valores do verbo e dos elementos selecionados por ele também são alterados; (iii) assumir novas funções não promoveu o desuso da função plena; (iv) a frequência de uso indica um uso mais sistemático das funções em processo de gramaticalização; e (v) seu *continuum* indica que as funções exercidas podem ser explicadas conforme os estágios defendidos por Hopper (1991).

Pesquisar a multifuncionalidade de verbos, uma das classes gramaticais mais estudadas nas aulas de português, e notar que seu uso extrapola o que lhe é comumente atribuído, é uma maneira de contribuir para a reflexão em torno da língua e levantar questionamentos acerca do seu ensino. Afinal, analisar a mudança linguística e reconhecê-la como uma característica intrínseca a todas as línguas é pertinente para que tenhamos um olhar mais flexível e crítico no e para o exercício docente.

REFERÊNCIAS

CASTILHO, A. T. de. Funcionalismo e gramáticas do Português Brasileiro. In: SOUZA, Edson Rosa de (Org.). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 17-38.

CRÔNICA DO DIA. 2016. Disponível em: <<http://www.cronicadodia.com.br/2016/>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

CUNHA, M. A. F. da; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 21-48.

DIK, S. C. **The Theory of Functional Grammar**. 2 vols. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997 [1989].

GONÇALVES, S. C. L. et al. (Orgs.). **Introdução à gramaticalização**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B. **Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization**. Oxford University Press, New York, 1993.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Org.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-36.

LEVAR. In: **MICHAELIS Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos Ltda., 2015. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=levar>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

LEVAR. In: **AULETE DIGITAL: o dicionário da língua portuguesa na internet**. Lexikon Editora Digital, 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/levar>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

MARTELOTTA, M. E. E. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion. 1948 [1912].

NEVES, M. H, de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

PONTES, E. **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis, Vozes, 1973.

Recebido em 09 de julho de 2018.

Aprovado em 23 outubro de 2018.

Publicado em 31 de dezembro de 2018.

SOBRE AS AUTORAS

Gessilene Silveira Kanthack é mestre e doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professora titular-plena da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-Ilhéus-Bahia), atuando na graduação, no Mestrado em Letras, Linguagens e Representações e no Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

Email: gskantack@yahoo.com.br

Nahendi Almeida Mota é mestra em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (2018). Participa do Grupo de Pesquisa Linguagem, estruturas e práticas sociais (Uesc/CNPq).
E-mail: nahendi@hotmail.com.